



## CAMINHANDO SOBRE ÁGUAS: O FUNCIONAMENTO DA NEGAÇÃO NO DISCURSO RELIGIOSO

Edite Luzia de Almeida Vasconcelos<sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

Neste artigo, visa-se demarcar a contradição trazida pelo pré-construído, sob a forma lingüístico-discursiva da (de)negação, que ocorre como marca da negação do sujeito ao sentido autorizado pela sua formação discursiva o qual, apesar disso, é rejeitado pelo sujeito. Nesses termos, a (de)negação funciona como um ponto de deriva que possibilita a 'desestruturação-reestruturação' das redes de sentidos que, por um lado, opera a homogeneidade e por outro, a heterogeneidade do discurso religioso.

A relação com os sentidos é historicamente determinada, o que significa dizer que há mudanças nos mecanismos de produção dos sentidos. Isto equivale a dizer que a conjuntura socioideológica das formações discursivas, em diferentes momentos da história, determinará a constituição dos sentidos, com a mudança histórica do desenho interno da formação discursiva.

Em uma dada conjuntura de produção e circulação do discurso religioso, ao conciliar o trabalho como modo de garantia da manutenção do indivíduo como trabalhador, cujo trabalho secular era entendido como uma missão que se concretiza como um modo de agradar a Deus, o sujeito torna sagrado o trabalho secular. Em outra, o trabalho também é compreendido como uma missão, mas realiza-se como um *trabalho de missões*; nessas condições, o sujeito do discurso religioso rejeita o trabalho intramundano, distinguindo-os; para ele, sagrado é o trabalho religioso. Nossa análise apóia-se na Teoria da Análise do Discurso de orientação francesa.

### Desenvolvimento e Análise

Considerando as diferentes condições de produção do discurso religioso - da Renascença e da atualidade -, há um deslocamento do lugar da identidade com o trabalho secular que era compreendido como um trabalho para agradar a Deus (Cf. WEBER, 2004) para o lugar da identidade com o trabalho religioso, de missões, os quais o sujeito do discurso considera dissociados. Desse modo, devido às mudanças nas condições de produção do discurso religioso protestante, o deslocamento de percepção em relação ao trabalho secular pelo sujeito religioso o faz acreditar em uma existência de sofrimento porque ele pensa não fazer o que deve e tem que fazer para agradar a Deus, em relação ao trabalho que executa, conforme os enunciados, a seguir:

(xx) era como se eu tivesse fora do lugar

(xxi) ali não era o meu lugar

---

<sup>1</sup> Profª Drª do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - IFBA



- (xxii) eu me sentia muito mal
- (xxiii) chorava e nas minhas orações pedia a Deus para sair dali
- (xiv) e eu nunca sentia a direção de Deus ali

Neste aspecto, tomado pela evidência dos efeitos de sentido do trabalho de missões, o sujeito também é tomado pelo efeito da não-contradição, mesmo que ele expresse as dificuldades encontradas neste trabalho, como (liv) e (lvi), abaixo:

- (liv) mas o lado difícil é viver o que prega

para logo em seguida obrigar-se a homogeneizar o discurso

- (lvi) se a gente fala sobre Deus e não vive o amor de Deus nas nossas vidas, não adianta nada,

Posto que é um sujeito marcado pelo desejo de alinhar-se à obrigatória unidade do discurso religioso, é nesse movimento do sujeito e dos sentidos que se entende que o jogo do poder constitui-se como marcado por contradições, como em (liii) e (liv), a seguir:

- (liii) o trabalho do missionário tem o lado fácil que é pregar
- (liv) mas o lado difícil é viver o que prega

No entanto, o sujeito do discurso religioso condicionado pelo desejo de inteireza, desconstrói a contradição que o atravessa, enquanto sujeito do discurso; nessas condições, a contradição dos sentidos do discurso religioso é rejeitada, criando no sujeito o efeito de que nada precisa ser modificado, posto que ele vive sob a ilusão de que deve ser modelo de vida para outras pessoas.

Assim, na interpelação ideológica, através da religião, o sujeito acredita que a identidade constitui-se como um processo natural, “livre de falhas”, o que o faz acreditar na existência de sentido único e homogêneo. Isto porque este sujeito é tomado pelo sentido de trabalho missional, dado pela transparência da linguagem, o que o faz rejeitar outros sentidos.

### **Porque Negar é Obedecer: O Caminho da Ilusão da Unidade**

Quanto à negação no discurso batista em análise, conforme os enunciados recém apresentados, é possível dizer que por ter dito *não* a Deus quando o desobedeceu, no Paraíso, o homem precisa, agora, dizer *não* a esse *não*. Assim, negar a desobediência original é reforçar o sentido de obediência que deve circular no discurso religioso como condição precípua para a sua existência.



Eni Orlandi (1987) afirma que “a retórica do discurso religioso é a que se pode denominar a *retórica da denegação*, ou seja, a negação da negação” (p. 257). Portanto, para o discurso religioso, a negação é necessária porque o homem acumula o valor negativo de ter nascido com o pecado original “e o pecado é o *não* a Deus.” (ORLANDI, 1987, p. 257).

De acordo com Castro (1986), “o fenômeno da denegação, em que algo dito negativamente, diz Freud, deve ser entendido como uma afirmação, é um momento privilegiado no qual toda a multivocidade da linguagem se evidencia” (p. 5). A negação funciona como um reconhecimento do fato em si, o que significa que negá-lo é dizer sobre a existência do enunciado primeiro (MAINGUENEAU, 2007) ou do interdiscurso (PÊCHEUX, 1995), ou seja, nega-se aquele que gerou a negação, neste caso, a existência do trabalho secular como uma realidade permitida ao sujeito.

Assim, se pode dizer que a negação aflora no intradiscurso como um pré-construído de trabalho ligado ao trabalho secular, isto é, o pré-construído marca a negativa do sentido de trabalho intramundano, na intradiscursividade. É a presença do interdiscurso, no intradiscurso. Assim sendo, é o retorno do sentido de trabalho que é vinculado como um modo de agradar a Deus, ou seja, é o retorno do sentido do trabalho intramundano, autorizado pela formação discursiva do sujeito.

O sujeito nega o trabalho secular denegando-o, assim como o nega cambiando-o pelo trabalho de missões, nas condições de produção do discurso enunciado pelas missionárias batistas. Deste modo, a denegação torna-se um funcionamento discursivo da negação porque produz um efeito de negação do trabalho secular que o sujeito acredita opor-se ao saber da sua formação discursiva, tomado pela ilusão de identidade que o coloca no lugar dos efeitos de sentido dados pelo trabalho de missões. Essa estratégia da discursividade marca a necessidade de unidade do sentido do discurso religioso cujo sujeito acredita alcançar eliminando as diferenças.

Por isso, de acordo com o exame analítico do *corpus*, o sujeito nega a forma de trabalho que ele acredita ser negativa para sua relação com o divino, ou seja, o trabalho intramundano, pensando afirmar aquela que é positiva, ou seja, a forma de trabalho religioso. A “retórica da denegação” funciona como mecanismo discursivo da negação, configurando a disposição do sujeito para seguir em direção à salvação, visto que o homem é um pecador e o pecado é o fundamento da dualidade e da dissimetria existente entre o celeste e o terreno, entre Deus e homem, enfim. Nestes termos, se pode afirmar que o pecado é o fundamento do discurso religioso, ou seja, a negação lhe é constitutiva.

### **Porque Negar é Desobedecer: Um Caminho para a Heterogeneidade**

Apoiada nos trabalhos de Ducrot, Indursky (1990) chama de ‘relação polêmica’ aquilo que se estabelece entre duas posições de sujeitos “que representam FD antagônicas” (1990, p. 119), significando que o sujeito refuta um elemento do saber de outra formação discursiva, ou seja, refuta um elemento que lhe é exterior. Em outros termos, a ‘relação polêmica’ estabelece contradição entre duas posições de sujeito divergentes, ou melhor, o sujeito rejeita o sentido que acredita estar ‘fora’



dos sentidos autorizados a serem proferidos pela sua formação discursiva. Por sua vez, a mesma autora (1990) desloca o sentido de negação como denegação da psicanálise para a Análise do Discurso, propondo-o como 'denegação discursiva', definindo-a como:

aquela negação que incide sobre um elemento do saber próprio à FD que afeta o sujeito do discurso. Ou seja, a **denegação discursiva** relaciona-se com a interioridade da FD e com o todo como o sujeito com ela se relaciona. Assim, seu efeito não é polêmico. Ao incidir sobre um elemento de saber que pode ser dito pelo sujeito do discurso, mas que, mesmo assim, por ele é negado, tal elemento permanece recalcado na FD, manifestando-se em seu discurso apenas através da modalidade negativa. (p. 120)

Nessa proposição, a denegação discursiva incide sobre um saber próprio ao domínio de saber que afeta o sujeito, o qual é negado porque ele acredita que um tal sentido não está autorizado pela sua formação discursiva. Essa perspectiva altera o modo como o sujeito relaciona-se com o domínio de saber da formação discursiva, pois a rejeição ao trabalho secular configura-se como a rejeição ao sentido autorizado pela formação discursiva do sujeito, marcada como pré-construído - *não, nunca* - e relaciona-se com a interioridade da formação discursiva. Ainda segundo a autora "tal elemento permanece recalcado na FD, manifestando-se em seu discurso apenas através da modalidade negativa" (INDURSKY, 1990, p. 120).

Assim, conforme o enunciado (xxi), "ali **não** era o meu lugar", o sujeito rejeita o sentido indesejado, recalcando-o na formação discursiva na qual ele está identificado que, entretanto, irrompe no intradiscurso sob a modalidade da negação, afirmando a heterogenidade do discurso, como marca da contradição. A citação de Indursky (1990), conduz a conclusões:

Com a denegação discursiva, não há confronto, nem refutação. O funcionamento é diverso e o efeito também o é. O processo de denegação dá-se no interior da rede discursiva em que está inserido o enunciado negativo. Dito em outras palavras: o sujeito não reconhece um saber que é próprio de sua FD (p. 121).

Mais adiante, a autora dirá que para ter efeito de denegação discursiva, a negação deve produzir a ocultação de um comportamento autorizado pela formação discursiva à qual está identificado o sujeito que, por isso, não produz um efeito polêmico. Veja-se nas palavras diretas da autora:

Para que a negação produza um efeito de denegação [discursiva], ocorre a ocultação de um comportamento admitido pela FD a que o enunciado está vinculado. Esse funcionamento discursivo aponta para as relações que a FD estabelece com a sua interioridade. Dito em curtas palavras: a denegação revela o modo como o sujeito relaciona-se com a FD que o afeta. Tal procedimento pode gerar polêmica, mas não se reveste de um efeito polêmico. (1990, p. 121)

O deslocamento da 'denegação' da psicanálise e da 'relação polêmica' para a *denegação discursiva* reconhece a contradição da formação discursiva como a presença de outro sentido no discurso que é autorizado pela formação discursiva à qual o enunciado está vinculado, muito embora o sujeito o evite, dizendo-o indesejado, por isso rejeitando-o. Desse modo, dizer *não* é reconhecer a



alteridade, a presença do outro discurso que o atravessa. Assim, dizer “ali *não* era o meu lugar”, colocado como o lugar do trabalho secular, é reconhecê-lo como o outro que constitui o discurso do sujeito batista.

## CONCLUSÃO

Ao enunciar, pela negativa, a presença do trabalho secular, o sujeito do discurso afirma uma identidade que se dá pela voz do outro negada, de modo que a negação funciona como um mecanismo que marca a contradição, neste discurso. É a voz do outro afirmando-se pela recusa do sujeito, através da presença da memória, construída pela imagem de que o batista, o evangélico possui um *ethos* (MAINGUENEAU, 2005) integrado ao trabalho secular como um meio para agradar a Deus (WEBER, 2004). Concebe-se, nesta perspectiva, que a linguagem falha, e é por essa falha que se instala o equívoco, de modo que a denegação discursiva marca a contradição, no discurso religioso sob análise. Neste entendimento, a denegação é uma pista da presença do outro discurso, sendo que, de modo paradoxal, a denegação visa desconstruir a alteridade, os outros discursos que atravessam o discurso do sujeito.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTRO, Eliana de. *Psicanálise e linguagem*. São Paulo, Ática, Série Princípios, 1986.
- INDURSKYI, Freda. Polêmica e denegação: dois funcionamentos discursivos da negação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 19, jul/dez, Campinas: Editora da UNICAMP, 1990, p. 117-122.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Tradução Sírio Possenti. Curitiba - PR: Criar, 2007.
- \_\_\_\_\_. Ethos, cenografia, incorporação. In.: AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 69-90.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli (org.). *Palavra, fé, poder*. Campinas, São Paulo: Pontes, 1987.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: UNICAMP, 1995.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.